

PROPOSTA DE LEITURA
E ESTUDO DO LIVRO

ATOS DOS APÓSTOLOS

MINISTÉRIO DE PREGAÇÃO
DA RCCBRASIL



**PROPOSTA DE
LEITURA E ESTUDO**

LIVRO DOS

ATOS DOS APÓSTOLOS

MINISTÉRIO DE
PREGAÇÃO



Amados irmãos pregadores e pregadoras do Brasil,

A Paz de Jesus!

Novo ano! Um novo tempo do senhor para nossa vida!

Diante de todos os desafios passados nos últimos tempos, enquanto pregadores chamados a anunciar o EVANGELHO, que significa BOA NOVA, perante tantas “más-notícias” cumpramos nosso papel de, através da Palavra de Deus espalhar boas notícias!

No ano em que o Senhor nos dá como Palavra norteadora Atos 1,8 **“Descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força e sereis minhas testemunhas”** somos impulsionados a GUARDAR nossa Identidade, sendo féis à voz de Deus que cumpre sua promessa de derramar sobre nós o Seu Espírito.

Mais do que nunca, a Palavra de Deus deve ser anunciada para produzir frutos na terra de todos os corações do Brasil, pois os tempos são difíceis. Anunciar para que ninguém se esqueça de que JESUS é o Senhor do tempo e da história: Tudo está em suas mãos!

Como pregadores “famintos” da Palavra, encaminho esta **Proposta de LEITURA e REFLEXÃO sobre o Livro dos Atos dos Apóstolos**, livro este de onde foi extraída a Palavra do ano de 2021 para a RCCBRASIL-At 1,8.

Agradeço novamente, ao **Frei Mauro Aristides Strabeli**, que é o autor deste estudo, pela grande generosidade e gentileza em nos autorizar seu uso.

Certamente, vale lembrar, que esse estudo é introdutório e deve nos impulsionar a buscar cada vez mais nos aprofundar na Palavra, recorrendo também a outros materiais de qualidade e que possuam anuênciam da Igreja.

Esta é a primeira de 2021 e convoco a todos os pregadores do Brasil a nos “embrenhamos” na Palavra de Deus através dela.

Na certeza de crescemos juntos “Na Palavra”, envio um abraço fraterno.

Leandro Rabello
Coordenador Nacional do Ministério
de Pregação RCCBRASIL

ORIENTAÇÕES E SUGESTÕES:

- 1.** É muito importante que esta proposta seja aliada à leitura de todos os 28 capítulos do livro dos Atos dos Apóstolos. Sem a leitura do livro todo, previamente, a proposta ficará incompleta.
- 2. Não há uma orientação única sobre como esta proposta se realizará pelo Brasil afora.** Em cada realidade, poderá ser feito um discernimento sobre como se fará tal proposta. Ela pode ser feita reunindo os pregadores do mesmo grupo de oração, ou da mesma paróquia, ou da mesma cidade, região, vicariato, diocese etc. Deve ser feita de acordo com a realidade de cada local;
- 3.** Não há pré-requisitos para participar dela. Todos os pregadores podem ser convidados;
- 4.** Quanto à periodicidade dos encontros também pode ficar a critério de cada realidade. Inclusive, devido à situação da Pandemia, pode ser feita virtualmente. Sugiro que se organize de um modo que o maior número de pregadores possível possa participar;
- 5.** Uma boa sugestão é ler o estudo anteriormente e reunirem para ler o TEXTO BÍBLICO juntos. Deixar o Poder da Palavra, fundamentado nas informações sobre o livro, tocar nos corações. Contudo, REPITO, é apenas uma SUGESTÃO!
- 6.** Seria muito proveitoso cada pregador ter um “caderninho ou bloquinho” para anotar tudo que sentiu, rezou, percebeu durante sua leitura do livro e participação nas reuniões;
- 7.** Reitero que todos os tópicos acima são apenas sugestões e elas podem ser substituídas e/ou adaptadas para cada realidade.
- 8.** Um pedido: que este estudo e leitura sejam feitos reunindo (mesmo que virtualmente) os pregadores e não cada um sozinho, por si... Será uma ótima oportunidade para nos enriquecermos com a partilha do outro.
- 9.** Caso encontrem no material alguma expressão que não conhecem, peço que busquem a informação com sacerdotes, dicionários bíblicos etc.

BOM ESTUDO!!!

QUE SÃO LUCAS, O AUTOR, INTERCEDA POR NÓS!

BREVE ESTUDO DO LIVRO DOS ATOS DOS APÓSTOLOS

INTRODUÇÃO

O livro dos Atos relata a história das primeiras comunidades cristãs, sua formação, seu desenvolvimento, sua caminhada, conflitos e testemunho entre os anos 30 e 60. O livro começa informando que a primeira comunidade cristã se reunia em Jerusalém (1,12-14) e termina afirmando que o Evangelho chegara a Roma e também formaria ali uma comunidade 28,30). Da periferia para o centro.

1. O autor.

Conforme a tradição, o autor dos Atos é Lucas, discípulo de Paulo. Assim diz S. Paulo em Colossenses 4,14: Lucas o querido médico; em Filemon ver. 24: Saudações de Lucas e Marcos meus colaboradores; e na 2Timóteo 4,11: Somente Lucas está comigo. Lucas foi de fato discípulo dele; era médico em Antioquia, muito estudado, conhecedor da geografia do tempo, das instituições políticas e religiosas, conhecedor das Escrituras.

2. Lugar e tempo.

Hoje em dia os comentaristas dizem que o livro foi escrito provavelmente em Éfeso, boa comunidade cristã – embora haja opiniões que sugerem Roma, Antioquia e Ásia. Foi escrito entre os anos 80-90 mais ou menos, depois da destruição de Jerusalém pelos romanos, e antes da perseguição que o imperador Domiciano fez contra os cristãos (85-90).

3. Relação entre Atos e 3.º Evangelho.

Lucas é o autor do 3º evangelho e dos Atos. De início, as duas obras formavam uma só. Os Atos eram a continuação do Evangelho (confira At 1,1-3). Como foi dito, no seu

Evangelho, Lucas apresenta o caminho de Jesus, e em Atos apresenta o caminho da Igreja. Juntos formam o caminho da salvação.

Esse caminho começa em Jerusalém, periferia do império romano, atinge toda a Judeia, Samaria, Ásia Menor, Grécia e toda a Europa. É o caminho da periferia para o centro ou de Jerusalém para Roma.

Entre Atos e 3º Evangelho há grandes semelhanças não só literárias, mas também teológicas, como a preocupação com o universalismo da salvação. Os dois escritos ensinam a grande verdade defendida por Paulo: todos os povos são chamados à salvação. Deus quer salvar a todos. A presença do Espírito Santo é sublinhada nas duas obras. É o Espírito Santo quem dirige a obra da salvação. Por isso os temas da graça e da misericórdia são constantes nos dois escritos.

4. Destinatários do livro.

É o povo das Comunidades – que Lucas designa no texto com o nome grego Teófilo (At 1,1). Teófilo significa amigo de Deus). Não seria um personagem histórico, se diz hoje, é um nome que designa as comunidades cristãs de ontem e de hoje (todas, amigas de Deus).

5. Finalidade do escrito.

A finalidade de Atos não é a de narrar uma história nem fazer uma crônica da Igreja das origens, mas é a de mostrar a ação do Espírito Santo que age nas Comunidades sempre. É O Espírito Santo que inspira o Grupo dos Doze na formação e direção da comunidade, o novo Povo de Deus. Esse grupo tem uma liderança tanto dentro como fora da Palestina - principalmente Pedro, Tiago e João (em Jerusalém) e Paulo, Barnabé, Timóteo e Tito fora da Palestina.

6. Divisão do livro.

- a) 1—12: A Igreja em Jerusalém. Instrução de Jesus aos apóstolos (1,4); Pentecostes (2,1-41); a vida da comunidade em Jerusalém, conflitos na Comunidade, perseguições, martírio de Estevão, dispersão da comunidade (8), Felipe e Pedro na Samaria (8,5), conversão de Paulo (9,1-31), atividade de Pedro (9-11); crescimento da comunidade de Antioquia (11,19-20).

- b) 13–28,31: A Igreja fora de Jerusalém; as Comunidades entre os pagãos. Barnabé e Paulo (13,1- 12); Concílio de Jerusalém sobre os pagãos; atuação de Paulo (15,1-35); viagens missionárias, fundação de comunidades; (15,36 a 22,30; conflitos martírio de Paulo (23-28,31).

Na primeira parte (1–12) o personagem central é Pedro; é ele quem faz os discursos querigmáticos (básicos, pontos fundamentais da fé); ele dá testemunho e sofre perseguição. Na segunda parte (13-28) a figura central é Paulo. Uma presença marcante, decisiva na Comunidade nascente. De perseguidor a apóstolo. Pedro faz 8 discursos; Paulo, 7 e Estêvão, 1.

7. Eixo

Todo o livro, discursos e narrativas em Atos, gira em torno da ação do Espírito Santo no ontem e no hoje da Igreja para a construção do reino de Deus. Ele é o eixo do agir de Deus na Comunidade. Jesus anunciou e realizou o Reino; a Igreja tem a missão de anunciar e criar esse Reino no mundo. E realiza essa missão pela força do Espírito Santo.

I.ª PARTE:

A TEOLOGIA DE LUCAS. O QUE ELE PRETENDE TRANSMITIR, ENSINAR.

Lucas quer mostrar três verdades fundamentais: o universalismo da salvação, o que é uma Comunidade cristã e os conflitos que fazem amadurecer e crescer.

Nos Atos, Lucas quer mostrar que o tempo da Igreja é o tempo presente. Ela está situada entre a Ascensão e a Parusia, e tem como tarefa trabalhar na difusão do reino de Deus. Um reino destinado a todos. Mostra que o acesso dos pagãos à salvação faz parte do Projeto de Deus. Os judeus têm a precedência histórica de ser Povo de Deus, mas agora a graça concedida em Jesus atinge todo aquele que crê no Senhor Jesus (13,39). O Povo de Deus se constitui agora em torno do nome de Jesus. Ele é agora o Senhor.

Para situar a Igreja como comunidade de Jesus Cristo no mundo, Lucas começa seu texto com a narrativa da Ascensão de Jesus, que termina com as palavras de Jesus “Homens da Galileia, por que vocês estão aí parados olhando para o céu?” (At 1,11: vão trabalhar, evangelizar, pregar).

Lucas é o único evangelista que fala da Ascensão como uma exaltação de Jesus, separando-a da Ressurreição. Para a tradição, a ressurreição é já ascensão; assim aparece nos evangelhos e também em Paulo (Ler Rm 1,4; Fil 2,6-11). Lucas, porém, separa as duas para acentuar o caráter histórico de cada uma. A ascensão é uma nova maneira de ser, é uma glorificação histórica; o próprio Jesus histórico é que é glorificado.

Por isso ele insiste na corporalidade da ressurreição. Jesus não é um fantasma, pode até comer (24,39-45), é real, diz Lucas. Há continuidade entre o Jesus anterior à morte e o Jesus Ressuscitado: é o mesmo, conserva a identidade. Ascensão é uma maneira de exprimir a mudança acontecida em Jesus Ressuscitado. O Ressuscitado é o mesmo Jesus, mas reconhecido por uma nova maneira.

A Igreja nasce, não porque Jesus foi embora (Ascensão); ele não foi embora, pois garantiu que estaria sempre conosco no mundo (Mt 28,20). Ela nasce, porque foi exaltado, glorificado. É a presença e não a ausência de Jesus que torna possível a Comunidade que é a Igreja. Sua presença não é visível, mas transcendente. A Igreja vive já a experiência do Ressuscitado. E essa experiência ela deve levar ao mundo,

a todos os homens, judeus e não-judeus. Não pode mais ficar “olhando para o céu” (1,11). Indiferente ou alienada. É preciso olhar para a terra, evangelizar, construir o Reino no mundo, levar avante a missão que Jesus deixou.

A missão dos apóstolos e da Igreja era a de testemunhar a presença do Ressuscitado no mundo. Os Atos vão narrar, então, a abertura da salvação aos pagãos. Há em toda a narrativa de Lucas (Evangelho/Atos) essa nota teológica: Deus envia a sua salvação a todos os povos, a todas as raças e nações. Lucas mostra isso no início de seu evangelho e na conclusão de Atos, ou seja, na abertura de um escrito e na conclusão do segundo. Confira:

“E todo homem verá a salvação de Deus” (Lc 3,6) e

“Pois então fiquem sabendo que esta salvação de Deus é enviada aos pagãos...” (At 28,28)

Com o recurso literário chamado inclusão temática:

Todo homem (Evang.) = Salvação

Os pagãos (Atos) = Salvação

Lucas a deixa claro sua teologia: a salvação é concedida a todos

Para exercer tal missão, a Igreja precisa, porém, da energia, da Força de Deus. Então Lucas dá a base para o êxito da missão: é o Espírito Santo. Coloca então a seguir a narração do Pentecostes.

O Pentecostes é o tema central da obra de Lucas (Ev. /At). A partir desse acontecimento são lidos os seus escritos: o Pentecostes ilumina o nascimento e batismo de Jesus, sua transfiguração e ressurreição. O Espírito permeia tudo: a vida de Jesus (Lc 1,35; 4, 1.18; 10,21; 24,19); a vida dos apóstolos (At 2,1 e uma infinidade de citações sobre o Espírito); a vida cristã (Lc 11,13; 12,10-12 etc.).

Importante notar ainda que além dessa narração sobre o Pentecostes, Lucas mostra a presença do Espírito, efetiva e concreta, nas Comunidades, narrando outros quatro Pentecostes (LER: At 4,31; 8,15-17; 10,44-46 e 19,5-7). Com isso ele quer sublinhar que é o Espírito Santo quem funda, anima e conduz as comunidades que formam a Igreja de Cristo.

Para Lucas, a Igreja está fundada em duas bases: na Pessoa e testemunho de Jesus e na presença e influxo do Espírito Santo.

De um lado Igreja não pode separar-se de Jesus, de sua Palavra, de seu Cami-

nho, de sua vida, de sua Paixão, Ressurreição. Por isso Lucas escreveu o Evangelho. De outro, a Igreja não pode fechar-se sobre si, pois a obra de Jesus não separa-se da obra sempre nova do Espírito. O Espírito rompe todo esquema humano, toda previsão. É no Espírito que nasce a Igreja-Comunidade (At 2,1-17). Por isso escreveu os Atos.

Lucas mostra que há uma correlação entre Pentecostes e a vida de Jesus. O início da Igreja é igual ao início da atividade evangelizadora de Jesus.

- Jesus começa sua atividade com o discurso na Sinagoga de Nazaré (Lc 4,16s), depois de ser batizado e receber o Espírito (Lc 3,21-22).
- A Igreja começa sua missão com o discurso de Pedro em Jerusalém (At 2,14ss), depois de ter recebido o batismo do Espírito também (At 2,1-4).

Há uma identidade, não só formal mas também de conteúdo entre os discursos: o Discurso de Nazaré traz o programa de Jesus; o Discurso de Pedro traz o programa da Igreja. O de Jesus anuncia uma salvação universal (4,25-27); o de Pedro também, salvação universal (At 2,39). Em ambos a salvação universal está baseada nos profetas. Com o Pentecostes nascem, pois, as Comunidades cristãs.

II.^a PARTE:

OS ATOS E AS COMUNIDADES CRISTÃS

O Pentecostes derruba as diferenças entre povos, nações e religiões. Não há mais nada impuro na obra de Deus, nem coisas e nem pessoas (At 10,15). Não há mais exclusão. Deus aceita e acolhe a todos. A Lei agora não é mais a do Sinai, mas a da graça; o dom de Deus agora não é mais a Aliança, mas o Espírito Santo.

O Pentecostes recupera a celebração festiva da família, recupera a casa, descartando o Templo: “estavam reunidos na casa; o vendaval encheu a casa onde se encontravam” (2,1-2). A casa agora é a Comunidade cristã, não mais entendida como consanguinidade de raça, mas ela é constituída agora por todos aqueles que pela fé aceitam Jesus Cristo e pelo Espírito Santo formam comunidade.

Pentecostes é a explosão do Espírito, força de Deus que funda, dinamiza e envia as Comunidades em missão. De agora em diante todos os povos poderão ouvir a mensagem salvífica de Deus (At 10,34).

Grupo dos Doze (primeira Comunidade oficial). Os Apóstolos foram escolhidos pelo próprio Senhor Jesus (Mt 10,1-4) e continuaram com ele até a Ascensão (At 1,13). Eles constituíam o Grupo dos Doze, a comunidade apostólica, e eram depositários da missão de serem testemunhas de Jesus, missão essa passada a eles pelo próprio Senhor (1,8). Com eles começa historicamente a Igreja. (A palavra “Igreja” (Ek-klesia em grego) significa reunião dos chamados, dos convocados. No Antigo Testamento a palavra é “kahal”, que significa assembleia do povo de Deus. São Paulo é quem mais fala da Igreja como reunião da comunidade dos cristãos (65 vezes). Nos Atos aparece 23 e designava inicialmente a assembleia ou comunidade de Jerusalém. Depois passa a designar a assembleia de todos os que acreditavam em Jesus Cristo, e logo depois passa a indicar o novo povo que sucedia a assembleia israelita de Javé (kahal yhwh).

Essa comunidade apostólica já de início passou por dura experiência: a deserção de um deles, Judas. Foi preciso então recompor o grupo. Pedro, apelando para o Espírito Santo, mostra que a escolha de um substituto para completar o grupo não é obra humana, mas divina. O número Doze é pragmático; designa não mais as Doze tribos de Israel, mas sim o novo povo de Deus, a Igreja de Cristo.

A primeira comunidade cristã nasce depois da Ascensão. Era composta pelos apóstolos e pouco mais de 120 pessoas (1,15 e 2,42-47).

Da experiência do Espírito Santo, da conversão proposta pela pregação apostólica e acatada pelos ouvintes surge, então, esse novo modelo de vida comunitária, que é a comunidade cristã-apostólica. Lucas faz um retrato falado dessa primeira comunidade cristã, nascida da experiência do Espírito Santo (At 2,1-41) e o indica como modelo para as comunidades no futuro (2,42-47).

Três elementos importantes, segundo Lucas, caracterizam essa comunidade primitiva: a fidelidade à doutrina apostólica, a comunhão fraterna (*koinonia*) e a oração no Templo e nas casas.

Elemento importante nessa descrição é a assiduidade (= frequência, hábito, constância). A vida cristã não é fruto momentâneo da euforia e do entusiasmo. Os cristãos eram fiéis a uma opção feita. Essa fidelidade é dom do Espírito Santo (Gl 5,22), mas também fruto do empenho humano. Lucas assinala isso dizendo que eles “eram perseverantes na oração” e “diariamente” celebravam a Eucaristia.

O 1.º elemento constitutivo do novo modelo de vida comum é a fidelidade ao ensino dos apóstolos (parádosis, tradição, Didaqué). O ensino dos apóstolos, ou Didaqué, vem a ser um aprofundamento do primeiro anúncio, chamado querigma; tal aprofundamento se expressava pela pregação daquilo que Jesus pregara, fizera e ensinara, pelo testemunho de sua ressurreição e pela aplicação a Cristo de tudo o que o Antigo Testamento falava sobre o Messias. Nele se cumpriam todas as profecias.

O 2.º elemento é a *koinonia*, (comunhão, solidariedade). É uma palavra densa de significado no Novo Testamento. É usado só por Lucas entre os evangelistas e muito por S. Paulo (principalmente em 2Cor 8).

Para Lucas o termo resume todos os aspectos da vida comunitária, desde a união dos sentimentos, de coração, até a sua expressão concreta que é a partilha de bens. Para S. Lucas a comunhão fraterna e a partilha de bens constituem uma só e mesma realidade, a *koinonia*.

A *koinonia* supõe primeiramente a comunhão espiritual, de fé, de culto e de oração. Expressa-se pela participação no templo, pela celebração da Eucaristia nas casas e pelas orações em comum, A *koinonia* supõe a comunhão de bens ou a partilha como fruto da comunhão espiritual. Não pode haver diferenças ou discriminações sociais ou econômicas entre aqueles que vivem uma comunhão espiritual. A partilha é a solidariedade para com os necessitados, para com os carentes praticada por aqueles que têm maiores condições econômicas ou propriedades. Por isso Lucas

diz que na Comunidade primitiva não havia pobre ou necessitado entre eles, pois tinham tudo em comum (4,34-35). (5,4ss).

Tal partilha era feita respeitando a liberdade de cada um. Cada pessoa dispunha de seus bens conforme o Espírito Santo lhe inspirasse.

O 3.^º elemento do novo modelo de vida é a oração em comum e em particular. À medida que as perseguições aumentavam eles iam-se deslocando para as casas ou lugares apropriados para as celebrações (basílicas). A oração em comum era feita sempre no Templo e a particular nas casas. O Templo tinha ainda sentido na vida dos primeiros cristãos uma vez que a maioria deles provinha do Judaísmo.

A oração e o partir o pão constituem a essência da Liturgia da nova comunidade. As orações compreendiam a invocação do nome do Senhor por meio dos salmos, hinos e cânticos bem como de cânticos ao Cristo Messias (4,24-30). Eram celebrações realizadas em casas particulares principalmente (5,42;20,20). A comunhão na oração e na eucaristia levava os primeiros cristãos a “estarem sempre juntos” e serem de fato “um só corpo e uma só alma” (4,32).

O “partir o pão” tem duplo sentido. Num primeiro sentido significa a celebração da Eucaristia, como deixa claro At 2,42. Em segundo lugar as refeições comuns também eram chamadas “partir o pão”. Da união de todos é que brotava a eucaristia.

A “novidade” que irrompeu no Pentecostes e que se traduziu concretamente num modelo de vida comunitária até então nunca visto e vivido, causou admiração e espanto no meio do povo. É o que refere Lucas no início do ver. 43: “O temor se apoderava de todos. Numerosos prodígios e milagres eram realizados pelos apóstolos”. O temor lembrado aqui significa admiração, respeito, não medo. O testemunho vivido, provado, falava mais alto que a pregação.

III.^a PARTE:

OS CONFLITOS

Uma Comunidade cresce e amadurece no conflito (hoje também). Onde a Igreja se renova, diz Mesters, os conflitos aparecem e fazem sofrer (cf Carlos Mesters, “Os conflitos nos Atos dos Apóstolos”, em Estudos Bíblicos n. 3 p.31ss).

Os primeiros cristãos, as primeiras comunidades, tiveram muitos conflitos. Conflitos de todo tipo: de opiniões, de tendências vindas do judaísmo, (judaizantes), conflitos com os pagãos convertidos (comidas, sangue) conflitos pessoais, conflitos até com os apóstolos, conflitos com líderes, com as próprias comunidades, abertos, claros, escusos. Os Atos mostram conflitos em todos os lugares em que o Evangelho era anunciado com fidelidade. O conflito que mais aparece na superfície da história dos primeiros cristãos e de que mais se fala nos Atos é o conflito com o mundo organizado dos judeus: saduceus, fariseus, lei, costumes, tradições. Esse conflito produz uma série de outros. Há conflitos de toda espécie. Os principais conflitos seriam:

1. Conflitos internos nas Comunidades.

- At 5,1-10 - Ananias e Safira
- At 6,1-6 – Cristãos gregos brigam com cristãos judeus porque as suas viúvas eram mal atendidas e discriminadas
- At 15,1-11 – Discussão sobre a circuncisão [prosélito (em grego: juntado, anexado): era o pagão que aceitava o judaísmo e fazia-se circuncidado. Outro grupo pagão, chamado nos Atos de “Tementes a Deus” eram pessoas que aceitavam algumas leis e alguns costumes judeus e não a circuncisão]
- At 15,36-40 – Paulo e Barnabé brigam por causa de Marcos (que largou Paulo (At 13,13).

2. CONFLITOS COM PODERES POLÍTICOS.

- At 12,1-4 – Herodes persegue Tiago e Pedro.
- At 16-16ss – Autoridades, cônsules, prendem e açoitam os apóstolos.
- At 24,22; 10-12, e 28,30-31- Paulo preso, apela e é deportado e martirizado.

3. Conflitos econômicos

- At 15, 1-11 – Ananias e Safira mentem e escondem dinheiro da Comunidade.
- At 8, 9-24 – O mágico Simão quer comprar o Espírito Santo.
- At 19, 23-40 – Tumulto dos ourives contra Paulo.

4. CONFLITOS COM AS AUTORIDADES

- At 4, 1-4. 18-31 – Prisão de Pedro e João.
- At 5, 17—25.40s – Nova prisão deles.
- At 7, 54-60 – Martírio de Estevão.
- At 14, 19-22 – Paulo é apedrejado.
- At 28, 23-28 - Judeus discutem sobre a pregação de Paulo.

Os conflitos fizeram a comunidade primitiva crescer, amadurecer. A fidelidade que o Evangelho exigia levava ao conflito que, longe de criar divisões, fortaleceram a fé, a esperança, o amor. Por isso, não podemos admirar que existam conflitos constantes em nossas Comunidades. Comunidade sem conflito é apática, indolente, acomodada ou morta. As Comunidades apostólicas cresceram no conflito, e foi a partir deles que entenderam e passaram a viver melhor o Evangelho.

“O pano de fundo dos conflitos é a história do anúncio do Evangelho ao povo! De um lado, aparece o Evangelho que vai penetrando na vida e na história das pessoas e dos povos, através do testemunho dos apóstolos e das comunidades. Do outro lado, aparece o povo, a multidão anônima e confusa, desejosa de acolher a Palavra do Evangelho e de ser transformada por ela (cf 2,5-6.37.47; 3,9-10; 4,4.21.3; 5,14.26) etc.). Entre o ponto de partida (o anúncio do Evangelho) e o ponto de chegada (a transformação da vida do povo ou a “restauração universal” (3,21), aparecem os atritos e os conflitos, as tensões e os problemas. O Evangelho é uma força de vida nova brotada da ressurreição de Jesus, transmitida pelo Espírito Santo e anunciada pelos Apóstolos. Ressuscitando Jesus da morte, Deus revelou sua vontade sobre a vida humana e condenou todas as forças da morte que estraga a vida. Aqui está a fonte dos conflitos: O Evangelho revela e anuncia a vontade de Deus e, por conseguinte, desaprova e denuncia as opiniões humanas em contrário” (cf C. Mesters, op. cit. p 24).

BREVE REFLEXÃO

SOBRE ALGUNS TEMAS DOS ATOS

1. A ASCENSÃO DE JESUS AOS CÉUS (AT 1,1-11)

NOS RELATOS

A narração da ascensão de Jesus conforme os Atos é claramente literária. Segundo o texto, o fato se deu dentro de um tempo cronológico determinado e com lances plásticos, espetaculares, maravilhosos. Não se pode entender o relato como uma documentação jornalística de um acontecimento. Isso está claro na própria tradição sinótica (Mateus, Marcos, Lucas) e neo-testamentária. No seu evangelho, o próprio Lucas diz que a ascensão aconteceu no mesmo dia da ressurreição (Lc 24,50-53;) Mateus e Marcos falam vagamente. O final do evangelho de Marcos (16,19) afirma que Jesus subiu aos céus depois de algumas aparições aos discípulos (Esse final de Marcos é apócrifo, i. é, de outro autor). Mateus fala de aparições após a ressurreição, mas não fala de ascensão.

Por outro lado, Paulo não fala de ascensão (a não ser na carta a Timóteo 1Tm 3,16. Mas essa carta não é paulina) Fala das muitas aparições de Jesus após a ressurreição – o que poderia significar certo lapso de tempo ocorrido entre Ressurreição e Ascensão. Também a concepção de ascensão segundo S. João é bem diferente do que fala Lucas e os Atos (Jo 20,17) Para João a ascensão acontece no dia da Ressurreição, como diz também Lucas no seu evangelho. Somente o livro dos Atos faz uma narração detalhada e cronológica do fato dizendo que Jesus ficou por aqui durante 40 dias (At 1,3) e depois subiu aos céus (Atos 1,9). Essa informação dificulta a harmonização com o conjunto da tradição primitiva.

O SIGNIFICADO

Por “ascensão” se entende, aqui, a transferência para o céu, para o mundo divino, do corpo ressuscitado de Jesus. Essa transferência comporta sua sobrevivência corporal, a sua glorificação final e a sua saída do mundo material. Outros estudiosos apresentam outras linhas de interpretação. Classificam em três tipos os textos relativos à ascensão:

- a) Textos que falam da exaltação de Jesus aos céus, mas que não mencionam a ascensão (At 7,55; Rm 8,34; Ef 1,20; 2,6; Fl 29s; Cl 3,1; 1Pd 1,21; 1Jo 2,1). Os textos sugerem que a ascensão deve ser entendida como a própria exaltação de Jesus. São coisas idênticas. Jesus ressuscitado é exaltado e tornado Senhor.
- b) Textos que falam da ascensão como fato exclusivamente teológico, i.e., Ele subiu acima de todos os céus para plenificar todas as coisas (Ef 4,10), foi exaltado na glória (1Tm 3,16), está sentado à direita de Deus (Hb 1,3.13), tem tudo dominado a seus pés (Hb 2,7-9; 8,1; 19,12s). Na carta aos hebreus a ascensão é entendida como o ingresso de Jesus como Sumo Sacerdote no santuário de Deus para interceder pelos homens (Hb 4,14; 6,192; 7,26; 8,1; 9,24).
- c) Textos que falam da ascensão como fato histórico (At 1,3-11; Lc 24,50). Essas formulações de Lucas são inspiradas no salmo 110,1 que diz: “Oráculo de Javé ao meu Senhor: “Sente-se à minha direita, e eu farei de seus inimigos o estrado de seus pés”. Lucas concretiza esse texto em Jesus. Ele sobe aos céus para dominar. Nos Atos Lucas faz uma descrição solene e pormenorizada dessa “subida”. No seu evangelho é mais breve.
- d) A ascensão aconteceu no mesmo dia da ressurreição ou 40 dias depois? Pelos textos fica claro que a ascensão se deu no mesmo dia da ressurreição: ressurreição/ascensão/glorificação fazem parte de um único fato teológico, dogmático dizem os teólogos. Os quarenta dias de que falam os Atos, é simbolismo e gênero literário. O número 40 é carregado de simbolismo na Bíblia. Quarenta anos era um prazo para se começar nova era: quarenta foram os dias do dilúvio (Gn 7,12); quarenta foram os anos de caminhada pelo deserto (Ex 16,35); quarenta dias foi o tempo da parada no Sinai (Dt 9,9); Elias caminha por quarenta dias e quarenta noites (1Rs 19,8) etc. No Novo Testamento há exemplos: quarenta foram os dias de jejum de Jesus; prega quarenta dias (At 1,3). [O simbolismo: 40 é a multiplicação de 4 por 10. O número 4 indica uma totalidade na Bíblia: (norte/sul/leste/oeste/ 4 são as estações do ano. O número 10 indica grande abrangência; é o número da História. Em Lucas significa: a tarefa de Jesus de instaurar o Reino de Deus foi completada por ele, foi total, foi abrangente. Foi realizada aqui na História. Agora Ele partia deixando para a Igreja a tarefa de prolongar na História a sua Palavra, o Evangelho.

2. “Os cristãos tinham tudo em comum. E não havia necessidades entre eles” (At 2,44; 4,34)

Pergunta-se hoje se, de fato, existiu uma Comunidade que tenha vivido o modelo de vida que Lucas descreveu. Essa experiência de comunhão total entre tantas e tão diversas pessoas foi uma realidade, ou seria apenas um ideal cristão proposto por Lucas para as Comunidades nascentes e as do futuro? O relato dos Atos é um testemunho histórico, ou uma elaboração teológica de Lucas sobre a fraternidade?

Para alguns exegetas o relato é uma fotografia de uma realidade vivida; outros dizem que é uma instrução teológica de Lucas.

Hoje é dito que, se a Comunidade primitiva não realizou todo o ideal proposto por Jesus, pelo menos tentou vivê-lo. E Lucas narra uma tentativa usando informações da tradição, segundo a qual um grupo de cristãos se propusera a viver, nos inícios da Igreja, o ideal proposto por Jesus quem ensinou o total despego dos bens materiais (Lc 6,20-26), a confiança na Providência (Lc 12,22-31) e a construção de um tesouro no céu (Lc 12,33-34).

Talvez tenham existido comunidades que viveram esse ideal por carisma e não numa instituição. Não seriam todas as Comunidades que viveriam naquele tempo tais propostas de Jesus. O texto de Lucas deixa entender que, realmente, esse projeto de Jesus foi vivido dentro da Comunidade primitiva. O texto usa os verbos sempre no pretérito imperfeito: eram constantes, estavam juntos, tinham tudo em comum, vendiam, dividiam, tomavam refeições... Isso indica uma condição de vida estável, contínua, permanente.

Poderíamos aceitar que tal experiência tenha sido de fato vivida, mas apenas na Comunidade de Jerusalém. Mas trouxe dificuldades e problemas, porque S. Paulo, em 2 Cor 8, pede ajuda aos coríntios – como já pedira aos macedônios - em favor da Comunidade de Jerusalém que tinha empobrecido de tal modo que não poderia sobreviver sem a ajuda de outras comunidades. Isso logo no início. A venda de todos os bens esgotou os recursos que alimentava a comunidade. Houve talvez um erro de ótica na avaliação da função social dos bens. Os bens não devem estar a serviço, uso e usufruto de uns poucos, mas a serviço de todos na Comunidade. Parece ser esse o sentido social e evangélico do uso dos bens materiais. Eliminá-los simplesmente, destrói a possibilidade de uma vida comunitária.

3. O Pentecostes (2,1-14)

O Pentecostes era uma festa agrícola no calendário judaico. Não há um motivo histórico conhecido para a sua instituição. A festa é mencionada no Antigo Testamento no livro do Êxodo (23,14-17) como uma das três festas religiosas prescritas. É chamada aí de “Festa das colheitas”. Em Êxodo 34,22 é chamada de festa das Semanas. Em Dt 16, 9-12 é esclarecido que essa festa ocorria sete semanas depois do começo da colheita do trigo. Quando a Páscoa e a festa dos Ázimos foram fundidas numa só festa e a celebração fixada no dia 14 de nisan, a festa de Pentecostes (ou das Semanas) recebeu uma data fixa: 7 semanas (7×7 mais o sábado da celebração = 50 dias) depois da Páscoa.

Nessa festa de Pentecostes (50 dias) os judeus passaram a celebrar o aniversário da entrega da Lei a Moisés no Sinai. Esse é o motivo histórico da celebração. Esse motivo aparece no início da era cristã, com os essênios.

Lucas, ao falar dessa festa em Atos 2, certamente tem uma intenção teológica, ensinar algo importante. No caso, quer mostrar que Pentecostes é o dia em que Deus dá à Igreja o dom do Espírito prometido por Jesus (Lc 224,49; Atos 1,5.8) e não mais a Lei de Moisés. O Espírito vem, para superar a Lei e instituir o tempo da graça de Deus.

O esquema de Lucas é teológico-literário, isto é, usa um modo literário de narrar para transmitir uma doutrina, uma verdade teológica. Isso fica claro com os paralelos que faz entre a entrega da Lei antiga no Sinai e a doação do Espírito Santo no Novo Testamento;

Antigo Testamento	Novo Testamento
- Dom da Lei	- Dom do Espírito Santo
- Povo reunido no Sinai (Ex 19,8)	- Povo reunido num mesmo lugar (At 2,1)
- Trovões, relâmpagos, som de Trombetas, fogo (Ex. 19, 16.18)	- Vento impetuoso, línguas de fogo (At 2,3)

Lucas pretende mostrar que, no Novo Testamento, o dom outorgado por Deus é outro. É um dom concedido a todo o novo povo de Deus. Essa descrição de Lucas faz parte de um modo judaico de narrar chamado gênero teofânico, que quer dizer, um modo especial de escrever quando se fala de aparição de Deus. Por isso não se

pode entender ao pé da letra. Nesse gênero teofânico aparecem sempre os elementos fogo, vento forte, rumor, céu aberto, vozes, sons... Lucas pretende assim, descrever com imagens fortes um acontecimento ou uma experiência inexprimíveis.

Houve um fato histórico no Pentecostes: a tomada de consciência, pela comunidade, da missão universal que Jesus lhes confiara, que era a de levar a todos os povos e línguas a mensagem do evangelho, fazendo de todos os povos e línguas um só povo, unido e dinâmico: o povo da Nova Lei. Isso tudo foi possível, diz Lucas, pela força do Espírito Santo.

Entre as imagens usadas por Lucas, há referência especial sobre o dom das línguas e sobre línguas de fogo que pousaram sobre cada um dos presentes.

Com a narrativa de Atos 2, Lucas parece fazer também referência ou alusão à história bíblica da torre de Babel (Gn 11,1-9), quando os homens se desuniram pela diversidade e confusão de línguas enquanto lutavam pelo poder. No Novo Testamento a unidade perdida pelos povos é restaurada agora pela Comunidade do Novo Testamento (Igreja) que fala todas as línguas, que é a língua da mensagem de Deus, do Espírito, e forma, mesmo na diversidade das línguas, uma única sociedade, um único povo, por força do Espírito de Deus, que não é poder, mas dom, graça e serviço.

Não se deve, necessariamente, entender essa narração como glossolalia (falar línguas). Esse fenômeno era coisa comum em muitas religiões antigas, no judaísmo e na Igreja primitiva também. Não se pode entender esse relato como se cada pessoa tivesse, de fato, falado uma língua estrangeira. Indica, certamente, o modo pessoal de cada um referir-se a Deus por palavras ou gestos.

Quando a comunidade tomou consciência de sua missão de pregar o evangelho a todos os povos e sentiu-se fortalecida pelo Espírito Santo, exultou e manifestou sua alegria através de atitudes ou palavras próprias de cada um – como hoje o fazem os carismáticos (RCC).

O Pentecostes, na visão de Lucas, deixa de ser uma festa judaica e passa a ser a festa de todos os povos. O Pentecostes mostra que, no Movimento de Jesus, ninguém é excluído; o Pentecostes derruba as diferenças: não há mais um povo de Deus, agora todos os povos constituem o povo de Deus. A lei não é mais a do Sinai, lei escrita em pedra, formal, legalista, mas é a lei do Espírito, da graça, da igualdade. O grande dom de Deus não é mais a Aliança, mas o Espírito Santo. Pentecostes é a explosão do Espírito Santo que Deus envia para animar a missão.

O ponto alto do relato de Pentecostes é o Espírito Santo fazendo lembrar, com-

preender e continuar o testemunho de Jesus (João 16, 12-15). Com o Espírito Santo, Deus realiza uma Nova aliança com seu povo. Uma aliança que não é mais particular (com um povo), mas com todos os povos.

4. A conversão de Cornélio: o Espírito Santo quebra barreiras (At 10-11)

Esses dois capítulos fazem parte de um bloco fundamental nos Atos dos Apóstolos: os capítulos 10 a 14. Até o capítulo 9 vem narrada a história e a vida da Igreja em ambiente judaico, ainda ligada às observâncias e práticas judaicas. Daqui para frente a mensagem cristã começa a espalhar-se e infiltrar-se no mundo pagão. E a questão fundamental que surge é esta: até que ponto os costumes e práticas judaicas são parte essencial da mensagem cristã? Até que ponto os elementos culturais de um povo podem criar obstáculos para a evangelização? Pouco a pouco a questão se torna controvérsia e vai-se avolumando até provocar o primeiro Concílio da Igreja (Atos 15). Esses capítulos (10-11) são de muita relevância não só dentro de Atos, mas principalmente para a teologia. Marcam o encontro da mensagem cristã com as culturas. Mostram a irrupção do Espírito que quebra barreiras e o encontro da Igreja com o mundo pagão. O capítulo 10 é um paradigma. Marca o conflito esperado entre o legalismo tradicional judaico e a liberdade nova do evangelho, marca a ruptura entre o rigorismo vétero-testamentário e a graça do Novo Testamento; começa a mudança de rota na economia da salvação que é oferecida agora a todos os povos e deixa de ser privilégio de uma raça ou cultura. O capítulo deixa claro que essa abertura, essa novidade teológica atinge e incomoda primeiramente o chefe da Comunidade, Pedro. É a Igreja, representada por Pedro, que vai confrontar-se com a nova mentalidade religiosa, vai entrar em crise por isso, vai debater e sofrer, mas é ela mesma, por meio de Pedro, que vai comprometer-se com o mundo e abrir-se a todos os povos. Por meio de Pedro, a Igreja descobre qual a vontade de Deus na economia do Novo Testamento: a salvação que Jesus trouxe é um dom para todos os povos. A salvação é universal.

Foi lembrado acima que a Igreja apostólica realizou um Concílio em Jerusalém. Exatamente porque enfrentou forte resistência dos cristãos judeus, que não aceitavam os pagãos na Igreja a não ser com muitas condições. Comentaristas e intérpretes de Atos 15 garantem que o episódio narrado sobre a conversão de Cornélio e o

discurso feito por Pedro (Atos 10, 1-43) são uma espécie de reflexão intencional de Lucas tratando do acesso dos gentios à Igreja e à salvação. Colocou o episódio da conversão de Cornélio e o discurso de Pedro (chefe) apenas como uma introdução ao Concílio e motivação para suas decisões. Desse episódio é que o Concílio de Jerusalém vai partir para a discussão, propostas e decisões sobre o ingresso dos pagãos na Igreja.

Nem seria importante esse núcleo histórico, dizem alguns autores, porque o importante foi a experiência com o Espírito Santo que desceu sobre o povo reunido que ouvia a pregação de Pedro, e o resultado da pregação que foi a vinda do Espírito Santo sobre todos os pagãos e o consequente batismo de todos. Se o Espírito Santo desceu sobre eles ninguém pode negar-lhes a pertença à Igreja; eles também fazem parte agora do Novo Povo de Deus. Lucas coloca então esse episódio como uma ilustração para mostrar que os gentios, por vontade de Deus e não dos homens, são recebidos na Igreja, sem serem submetidos às prescrições da Lei judaica. Por isso mesmo Lucas coloca observações que indicam sua intenção: “Agora, diz Pedro, comprehendo que Deus não faz distinção de pessoas; mas todos os que o adoram e praticam o bem são aceitos por ele, seja qual for a nação” (10,34-35).

Notar que na visão de animais e aves que Pedro teve (10,9-16) Lucas insere animais puros e também impuros, fala também da hospitalidade de Cornélio em cuja casa Pedro fica por vários dias, apesar de ele ser pagão e acrescenta que junto com Pedro estavam alguns companheiros judeu-cristãos (10,17-28). Essa informação é apologética, isto é, tem intenção de criticar certas tradições religiosas dos judeus. De fato, “o judeu era limitado por dois grandes tabus culturais: a lei da pureza, que impedia comer certos alimentos (veja em Levítico 11), como também a lei que proibia misturar-se com pagãos, igualmente considerados profanos e impuros (10,28). Temos aqui a queda desses tabus; se fossem conservados impediriam a Igreja, nascida em ambiente judaico, de se expandir pelo mundo pagão. O próprio Deus destrói a barreira entre os homens porque ele quer unir todos no único povo de seu Filho (10,34-35).” Daqui podemos tirar uma conclusão eclesiológica: “a Igreja deve distinguir entre o que é essência do Evangelho e o que pertence a determinado tempo ou cultura. Uma ação missionária que confundisse o Evangelho com particularismos culturais não seria evangelização libertadora, mas colonização dominadora” (Bíblia Pastoral. Comentário de At 10 1-33).

O episódio de Cornélio pretende mostrar que é “verdadeiro israelita” todo aquele que pratica a justiça e honra a Deus, e que por isso pode ser membro da Igre-

ja. Todo aquele que procura Deus é aceito por ele. Isso vai contra a concepção exclusivista judaica segundo a qual somente o povo judeu tinha o direito de ser ouvido por Deus, pois era o povo eleito! Cornélio, como pagão não tinha esse direito. No entanto Deus considerou as boas obras dele: “As orações e esmolas que você fez foram aceitas por Deus em seu favor, (10,4). Para os judeus não bastava fazer o bem, temer a Deus e praticar a justiça para ser lembrado por Deus; era preciso pertencer ao povo eleito! No episódio de Cornélio essa convicção e essa prática são questionadas: todo aquele que teme a Deus e pratica a justiça é aceito por ele. Esse é o tema do discurso de Pedro logo em seguida (10,34-48).

Outro aspecto importante nesse relato é a dimensão comunitária que sublinha. O texto diz que Pedro foi à casa de Cornélio não sozinho, mas acompanhado por alguns irmãos da comunidade de Jope (v.23b). Cornélio reúne amigos e vizinhos (v.27). A casa de Cornélio, com a presença de Pedro, se torna então a 1.^a Comunidade entre os pagãos. E é a partir dela que o Evangelho vai se propagar entre os gentios.

5. O discurso de Pedro (10,34—11,18)

O texto reflete a essência da catequese primitiva, tornada depois mais estruturada nos evangelhos.” O ponto de partida da evangelização e da catequese é o reconhecimento de que o povo de Deus é formado por todos aqueles que o respeitam e praticam a sua vontade, ainda que de forma inconsciente e anônima. É essa prática da justiça que a evangelização visa a descobrir, fazer crescer e educar, mostrando tudo o que Deus realizou em favor dos homens através de Jesus Cristo. Toda a atividade de Jesus está resumida numa frase que define o programa da ação cristã: fazer o bem e curar todos os que estão dominados pelo diabo (mal). Despertar relações justas entre os homens a fim de que vençam a alienação e construam uma sociedade voltada para a vida que Deus quer” (Bíblia Pastoral. Comentário a Atos 11, 34-43).

Esse discurso (10,1-48—11,1-18 no seu conteúdo geral, segue os outros discursos de Pedro nos Atos. Na primeira parte (ou discurso aos pagãos) Pedro ressalta o ponto importante: Deus não faz acepção de pessoas (v 34); em seguida expõe o querigma de Jerusalém, centralizando em Jesus Cristo toda a nova economia. O mistério pascal de sua morte e ressurreição é esse o ponto central. Pedro apela para a Escritura para provar o messianismo de Jesus; testemunhas são os profetas que o anunciaram e eles, os apóstolos, que com ele conviveram. Nesse discurso não há o apelo para a conversão, como há em todos os demais discursos de Pedro. Explicável

porque Pedro não pregava para os judeus e Cornélio já estava predisposto à fé.

Na segunda parte do discurso (ou discurso à comunidade de Jerusalém) o tema é constituído pelas críticas, objeções e suspeitas da comunidade contra o comportamento de Pedro em relação aos pagãos. Nesse discurso (11,1-18), aparecem os temas controvertidos na comunidade judaica, como o problema de comidas e bebidas (puras = permitidas; impuras = não permitidas), o problema da hospitalidade em casa de pagãos (proibidas aos judeus) e o tema da abertura universal da Igreja aos pagãos (coisa impensável para os judeus).

Ao final do primeiro discurso acontece o chamado “Pentecostes dos pagãos”, ou incircuncisos, (10,44-48). “Interessante observar que os pagãos recebem o Espírito Santo ao ouvir a Palavra, o que significa que eles a aceitaram e aderiram ao Evangelho. A ação de Deus precede o próprio rito do Batismo, que o sinal visível da pertença ao Povo de Deus” (Bíblia Pastoral. Comentário a At 10,44-48). O “Pentecostes dos circuncisos” é narrado em At 2,1-13.

O “Pentecostes dos pagãos” levanta algumas questões para a reflexão teológica. Normalmente o dom do Espírito Santo é conferido após a adesão ao Povo de Deus pelo Batismo. Ou como dizemos, o crisma é conferido após o batismo ou catecumenato. No texto de Atos se dá o contrário: as pessoas recebem primeiro o dom do Espírito Santo e depois são batizadas (vv. 44-48)!

É de se notar que tanto no Pentecostes dos circuncisos quanto no dos incircuncisos se fala de dons do Espírito Santo (2,38; 10,45). Todos recebem dons que causam espanto, admiração (2,7.12; 10,45). E os dons são doados a toda a Comunidade (2,1 e 10,44) e produzem a glossolalia (falar em línguas estranhas) (2,4 e 10,46). É o mesmo dom é o mesmo Espírito que são concedidos.

Pressuposto necessário para a recepção dos dons do Espírito Santo é a fé. Nesse sentido os dons são concedidos após o batismo, pois este é o gesto externo de pertença à Comunidade, ao Povo de Deus. Essa pertença deve partir primeiramente da fé e depois expressar-se externamente no sacramento. A fé supõe conversão de vida e adesão a Jesus Cristo. Os dons do Espírito Santo coroam uma vida de fé. O batismo é necessário pois é um gesto, sinal, exterior da conversão, da adesão, da fé interiores (sacramento). Porque os pagãos aderiram a Jesus Cristo, manifestaram a fé é que puderam receber o Espírito Santo e em seguida serem batizados; o batismo foi o sinal externo, eclesial, da adesão deles. A circuncisão não era mais necessária para pertencer ao Povo de Deus.

6. Paulo nos Atos

Os dois apóstolos, Pedro e Paulo, são as figuras principais de todo o livro dos Atos. A presença deles é muito acentuada. Pedro está presente numa primeira parte: At. 1,1-12,25; Paulo está presente na segunda parte: At 13,1-28,31. Aparece também na primeira parte, somente no capítulo 9 onde vem narrada a sua conversão (9,1-25).

7 . O Concílio de Jerusalém (At 15,1-35)

“Enraizada no ambiente judaico e pagão, a Igreja enfrenta o primeiro grande conflito. Os cristãos vindos do judaísmo continuavam praticando a circuncisão e observando as prescrições da Lei (Torá). A evangelização, a pregação dos apóstolos não obrigava os pagãos convertidos a esses costumes judaicos. Contudo, alguns fariseus convertidos (vers.5) começaram a ensinar que também os pagãos, para se salvarem, deviam observar as mesmas coisas que os judeus convertidos. Em outras palavras: primeiro deviam ser “judaizados” e depois cristianizados. A questão era muito séria: os costumes judaicos pertencem à essência de mensagem cristã? Até que ponto a ação missionária da Igreja transmite o Evangelho, ou confunde o Evangelho com determinado contexto sociocultural, impondo a um povo a cosmovisão de outro? O Evangelho é fermento libertador, e não superestrutura que aprisiona e perverte a alma de um povo” (Bíblia Pastoral. Comentário a At 15,1-5).

O capítulo 15 dos Atos é de grande relevância porque é o centro de todo o conflito que vinha se desenrolando, com o ingresso dos pagãos na comunidade cristã nascente. Também é importante porque esse capítulo narra o 1.º Concílio da Igreja com todas as tensões que suscitou; e informa o capítulo as participações especiais de Pedro, Paulo, Barnabé e Tiago. Todos eles pessoas importantes na comunidade cristã primitiva. O discurso de Pedro nesse Concílio é de grande valor para a Igreja nascente e missionária. O Concílio elaborou um decreto tentando resolver as tensões.

Esse capítulo é rico pela teologia que desenvolve como também é importante pelos problemas históricos que apresenta. A cronologia paulina depende muito desse capítulo, pois Paulo cita os acontecimentos aqui narrados, de modo especial na carta aos Gálatas na qual faz comentários sobre a participação total dos pagãos convertidos na comunidade cristã.

É de se notar que as comunidades de Antioquia e Jerusalém eram comunidades de referência. A Igreja de Antioquia já era nesse tempo bem organizada: as funções

eram partilhadas e as decisões eram tomadas pela assembleia em clima de oração e discernimento, clima referendado pelo Espírito Santo. Era uma comunidade carismática e missionária, dirigida por cinco profetas e mestres. É chamada “Igreja dos helenistas” (gregos). Os apóstolos enviaram para lá Paulo e Barnabé com a finalidade de pregarem aos judeus e de refletirem com a comunidade aprofundando o querigma.

Por outro lado, a Igreja de Jerusalém, chamada Igreja-mãe, era dirigida pelos apóstolos e depois por Tiago (não o apóstolo). Era uma Igreja mais instituição, mais hierárquica, assegurando a continuidade com Israel. A existência desses dois modelos de Igreja no cristianismo originário desafia a nossa Igreja atual. Uma hierarquia monolítica impede a missão e o movimento do Espírito.

O conflito que provocou o Concílio de Jerusalém nasceu com a Igreja de Antioquia. Essa assembleia é realizada em função da Igreja de Antioquia. Era uma Igreja de abertura aos gentios que se convertiam; eles não eram obrigados a submeter-se às exigências dos judaizantes (grupo que obrigava os pagãos convertidos a observarem as leis e costumes dos judeus como circuncisão, questões de alimentos etc.). Esse tema vai polarizar as discussões no Concílio, do qual participavam os apóstolos, os anciãos e a Igreja local (15,4). Alguns dos conciliares que tinham pertencido ao grupo dos fariseus (antes da conversão) colocaram o problema declarando que era preciso circuncidá todos os pagãos que se tinham convertido e que observassem a Lei de Moisés. Paulo e a Igreja de Antioquia reagiram (15,1-3).

Pedro fez um discurso na linha da doutrina de Paulo em suas formulações mais radicais. O discurso de Pedro é fundamental e contém a orientação conciliar: ele foi o primeiro evangelizador dos pagãos e compreendeu que Deus não faz distinção entre pagãos e judeus (Atos 10,34.44-47), mas concede a ambos o mesmo Espírito Santo que leva o homem a seguir Jesus. E conclui dizendo que os costumes judaicos são um jugo, um peso que não se pode por sobre os ombros dos pagãos.

Depois do discurso houve um silêncio em toda a assembleia. Depois disso ouviram Barnabé e Paulo contar todos os sinais e prodígios que Deus havia realizado por meio deles entre os pagãos (15,12). Tiago, bispo de Jerusalém, deu sugestões e em seguida “os apóstolos e os anciãos, com toda a comunidade elaboraram o decreto que foi levado à Igreja de Antioquia (15,13-29). Tal decreto não tem caráter dogmático; é apenas uma Orientação pastoral (assim mesmo foram incluídas restrições alimentares como sugestão, com abstenções de alimentos).

CONCLUSÃO

Os Atos nos apresentam o modelo de igreja apostólica.

Que tipo de Igreja precisamos hoje?

É o grande desafio. Sabemos que é preciso ter a coragem dos apóstolos, a mística dos apóstolos, a espiritualidade dos apóstolos e a força do seu testemunho.

Qual era a mística da Igreja apostólica? (Mística é o conjunto da força que move; é garra, tensão, empenho, disposição aguerrida, entusiasmo).

Apesar de todas as limitações das comunidades primitivas; apesar de o ideal evangélico nunca ter sido atingido plenamente por elas; apesar de fracassos e conflitos, a Igreja apostólica deixou para a Igreja do futuro elementos concretos de uma experiência de verdadeira evangelização. Esses aspectos concretos é que constituem a mística da Igreja apostólica. E vêm descrito em Atos.

Primeiramente, o entusiasmo pela causa do Evangelho; a empolgação pelo ideal proposto por Jesus. Sem empolgação, nada ou pouco coisa se fará! Faltará a partida para o carro andar. A Comunidade primitiva se entregou de corpo e alma ao ideal de anunciar Jesus; abriu-se à missão.

Espiritualidade: é a vivência concreta de valores fundamentais que levam avante o ideal. Os Atos apontam esses valores: ouvir o ensinamento (Palavra e Apóstolos); a partilha (koinonia) e a oração. Consequência da vivência desses valores serão: a unidade, a fraternidade, o desapego e o repartir.

A Igreja Apostólica se propôs construir uma sociedade nova a partir do Evangelho, e soube anunciar a mensagem do Evangelho à sociedade de seu tempo: uma sociedade hostil, repressora, perseguidora e assassina!

Para viabilizar o projeto de “Ser Igreja hoje no Novo Milênio” será preciso ter a coragem da Igreja Apostólica e muito mais coragem e disposição para poder enfrentar o mundo altamente tecnológico e científico de hoje!